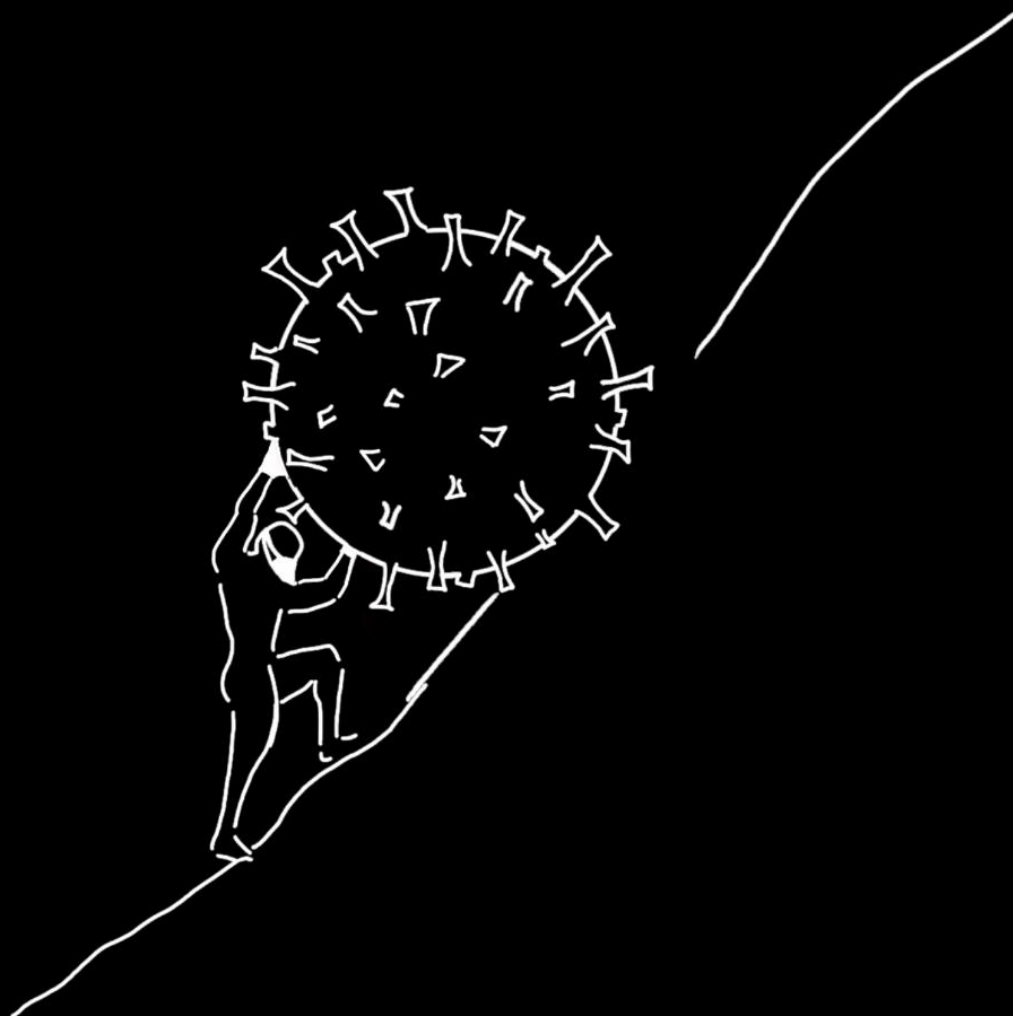


X
I
I
I
E
N
P
F

CADERNO DE RESUMOS



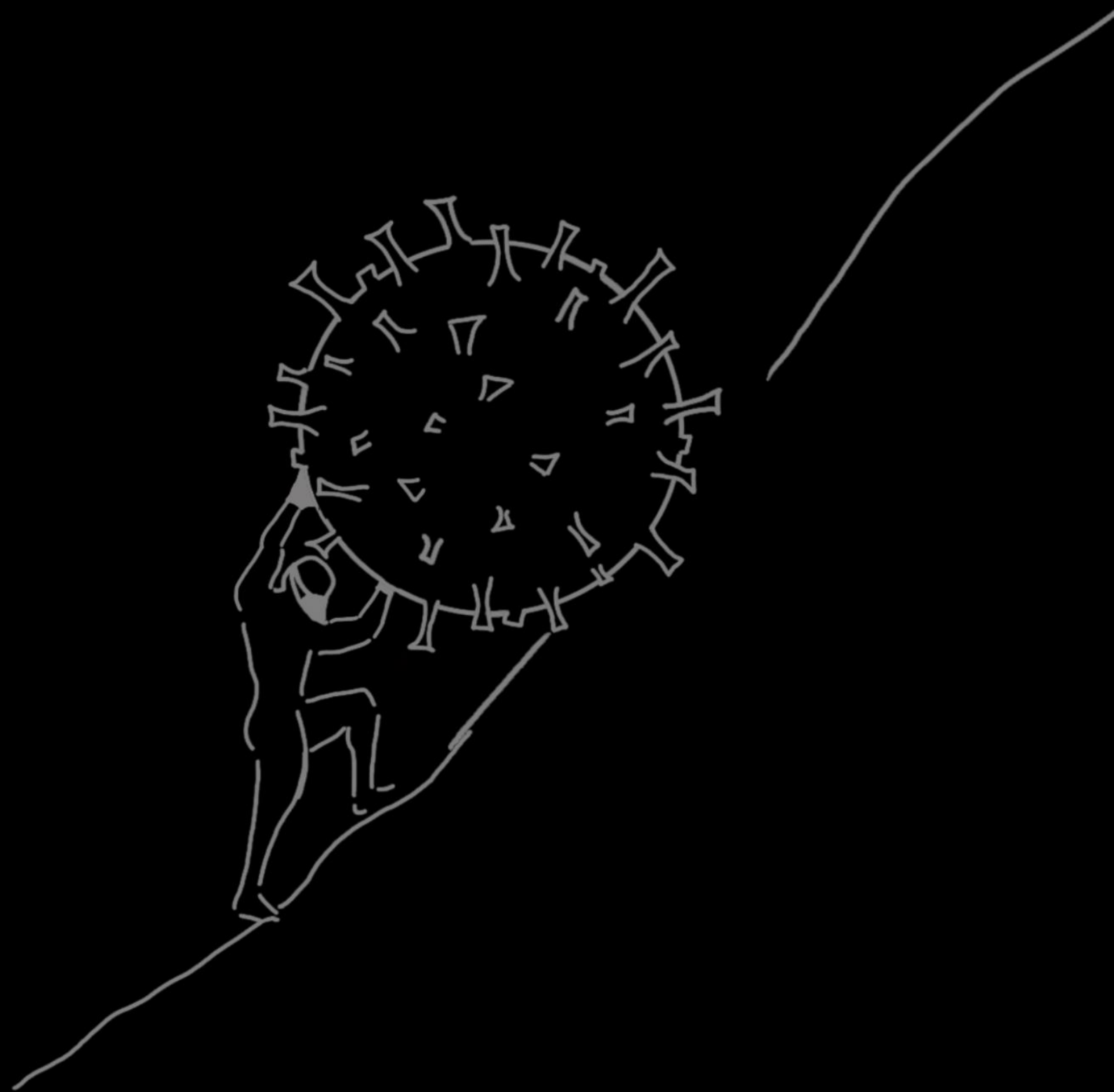
MELANCOLIA E ESPERANÇA:
É POSSÍVEL IMAGINAR SÍSIFO FELIZ?

ORGANIZADORAS:
CRISTINA DE OLIVERIRA FIGUEIREDO
YASMIN DO REGO LUCAS



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto



É possível imaginar Sísifo feliz?



SISBIN – SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

E562c Encontro Nacional de Pesquisa em Filosofia - ENPF (13.: 2021: Ouro Preto, MG).

Caderno de resumos do XIII ENPF / Organizado pelo Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto. – Ouro Preto: DEFIL/UFOP, 2022.

258 p.: il. col.; tab.

1. Filosofia. 2. Melancolia. 3. Esperança. 4. Isolamento social. 5. Congressos e convenções. I. Título.

CDU: 1(063)

Bibliotecário (a) responsável: Sione Galvão Rodrigues - CRB6 / 2526

É possível imaginar Sísifo feliz?



EXPEDIENTE

Conselho Editorial | Cristina de Oliveira Figueiredo,
Yasmin do Rego Lucas

Arte | Arthur de Castro, Beatriz Coimbra da Silva

Revisor | Prof. Dr. Gabriel Geller Xavier

Comitê Científico | Dr. Bruno Almeida Guimarães (UFOP), Carlos Frederico Gurgel Calvet da Silveira (UCP), Dr. Diogo Nogueira Mesti da Silva (UFSC), Dr. Douglas Garcia Alves Junior (UFOP), Dr. Gabriel Geller Xavier (UFOP), Dr. Guilherme Araújo Cardoso (UFOP), Dr. Guilherme Domingues da Motta (UFOP), Dr. Italo Lins Lemos (UFSC), Dr. Ivan Ferreira da Cunha (UFSC), Dr. Mário Nogueira de Oliveira (UFOP), Dr. Renato Mendes Rocha (UFS), Dr. Ricardo Miranda Nachmanowicz (UFOP), Dr. Sérgio R. Neves Miranda (UFOP), Dr. Thiago Leite Cabrera Pereira da Rosa (UCP)

Comissão Organizadora | Prof. Dr. Gabriel Geller Xavier, Prof. Dr. Guilherme Domingues da Motta, Alexandre José Arantes, Arthur de Castro, Beatriz da Silva Coimbra, Cilene Góya Canôas Correia, Cristina de Oliveira Figueiredo, Joyce Oliveira Badaró, Lara Beatriz de Jesus Almeida, Lucas de Assis Sena Santos, Matheus Moreira Cardoso Machado, Priscilla Karen Oliveira Arouxa, Vitor Douglas de Andrade, Yasmin do Rego Lucas

Monitores | Alexandre José Arantes, Beatriz da Silva Coimbra, Cristina de Oliveira Figueiredo, Brenner Alexandre Gonçalves, Isaías Gabriel Franco, Lucas de Assis Sena Santos, Matheus Moreira Cardoso Machado, Priscilla Karen Oliveira Arouxa, Tadeu Duarte Oliveira, Vitor Douglas de Andrade, Yasmin do Rego Lucas

Apoio | IFAC, DEFIL, CAFIL,
POSDEFIL, PROGRAD

É possível imaginar Sísifo feliz?



APRESENTAÇÃO

O Encontro Nacional de Pesquisa em Filosofia acontece todos os anos na Universidade Federal de Ouro Preto. O evento é quase integralmente organizado por discentes dos cursos de graduação do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto e ocorre anualmente.

Devido ao isolamento social em decorrência da pandemia do COVID-19, ainda em 2021 o XIII ENPF precisou acontecer de forma remota. Nesta 13ª edição foram debatidos temas nas linhas de: *ensino de filosofia e filosofia da educação; estética e filosofia da arte; ética e filosofia política; epistemologia, filosofia da ciência e da mente; lógica e filosofia da linguagem; história da filosofia; ontologia, metafísica e filosofia da religião.*

Além disso, a data do XIII ENPF foi especialmente programada para coincidir com os 40 anos de aniversário do *Instituto de Filosofia, Arte e Cultura*. Por isso, foram convidados ex-discentes do curso para participar do evento, assim como, também, com o apoio do professor Olímpio José Pimenta Neto, foi realizado um vídeo de comemoração com professoras(es) e discentes do curso.

Assim, dos dias 29 de Novembro a 03 de Dezembro aconteceu o *XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Filosofia* no canal do *YouTube* Filosofia UFOP, no qual o evento ainda está disponível para acesso. Neste caderno poder-se-á encontrar os resumos das apresentações conferidas nas mesas ao longo do encontro.

Melancolia e Esperança: É possível imaginar Sísifo feliz?

Assim como muitos artistas se utilizaram da técnica do sfumato para transitar entre as tonalidades claras e escuras de forma gradual, os sentimentos da melancolia e esperança se fazem presente em nós, sobretudo neste momento, como contrários que se misturam em um degradê psíquico. A melancolia participa da esperança e a esperança da melancolia.

Sísifo foi castigado com uma punição exemplar: rolar uma pedra morro acima diariamente. Ao chegar ao topo, exausto pelo esforço e fadigado, a pedra rola até o chão e o trabalho se repete no outro dia. Ora, a esperança de chegar ao topo se mistura com a melancolia de ter que repetir o processo cotidianamente e, assim, Sísifo segue com seu destino trágico.

Seguir uma rotina diária, cobrança por produtividade, isolamento, viver à mercê do medo de contágio e na esperança de uma vacina: estaríamos cada um de nós vivendo a própria tragédia de Sísifo? No meio do castigo de rolar a pedra é, então, possível imaginar Sísifo feliz?

É possível imaginar Sísifo feliz?



AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a todas e todos que colaboraram com o evento. Aos professores proponentes Gabriel Geller Xavier e Guilherme Domingues da Motta por toda a dedicação e auxílio com a organização do evento. Ao professor Olímpio José Pimenta Neto pelo patrocínio do vídeo de comemoração de 40 anos do IFAC. Ao professor Ricardo Miranda Nachmanowicz por ter disponibilizado a plataforma online onde o ENPF aconteceu. Aos professores que compuseram o comitê científico de avaliação dos resumos. Às professoras e professores do curso de filosofia da UFOP e servidores técnicos administrativos. Agradecemos as (aos) palestrantes que se disponibilizaram para enriquecer nossas discussões, a todas e todos comunicadores que enviaram resumo e que apresentaram, aos ouvintes que estiveram presentes durante o evento. A todas e todos os discentes do curso de filosofia da UFOP: aos que estiveram conosco de ouvintes e aos que aceitaram o convite para realizar a abertura das mesas.

Agradecemos ao IFAC, ao DEFIL, ao CAFIL, ao POSDEFIL e à PROGRAD.

Organizadores





SUMÁRIO

SUMÁRIO	7
1. ENSINO DE FILOSOFIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	9
1.1. A Dialética do Diálogo <i>Teeteto</i>	9
1.2. Simón Rodríguez: Linguagem, Educação Popular e Libertação Latino-Americana.....	15
1.3. Os 60 anos do Curso de Filosofia da UFAM: Desafios na Perspectiva da Inclusão Escolar	21
1.4. A Contribuição da Filosofia da Linguagem para o Ensino: Uma Proposta Didático-Pedagógica.....	26
2. EPISTEMOLOGIA, FILOSOFIA DA CIÊNCIA E DA MENTE	36
2.1. A Estrutura da Consciência em Cérebros Bipartidos	36
2.2. E se Sísifo Entrasse na <i>Matrix</i> ? Uma Investigação sobre as Intuições Envolvendo o Cenário da Máquina de Experiências	45
2.3. Será a Psicanálise uma Pseudociência? Reavaliando a Doutrina à luz da Proposta de Demarcação de Hansson e da Ética de Clifford	50
2.4. “Es Denkt in Mir”: O Cadáver Insepulto de Deus e o Paradoxo Epistemológico do Niilismo Reativo	56
2.5. “Um Paradigma é o que Você usa Quando a Teoria Não Está Lá”: Masterman e os Paradigmas Kuhnianos	65
3. ESTÉTICA E FILOSOFIA DA ARTE	73
3.1. A <i>Décadence</i> na Arte e na Filosofia em Nietzsche	73
3.2. “Corpo-Esquizo”: Intersecções entre Filosofia e Performance	78
3.3. Corpo, Sexualidade e Melancolia: Uma Leitura Filosófica dos Contos “Miss Algrave” e “O Corpo”, de Clarice Lispector.....	86
4. ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA.....	91
4.1. Yuk Hui’s Concept of Cosmotechnics: A Proposal to Review the Concept of <i>Phýsis</i>	91
4.2. Banalidade do Mal: Um Fenômeno Possível Hoje?.....	99
4.3. Theodor Adorno: Da Publicidade Cultural a Propaganda Fascista	110
4.4. O Sentido do Pensar em Hannah Arendt e sua Aplicação no Ensino de Filosofia no Ensino Médio.....	120
4.5. O Sujeito e a Estética da Existência em Michel Foucault	131

4.6. A Garantia da Democracia pela Desincorporação do Poder: Breves Notas Sobre o Pensamento de Claude Lefort.....	141
4.7. Pensando o que é “Possível” e o que é “Preciso” a Partir do Intolerável: Uma Fricção de Ideias com Michel Foucault e Ailton Krenak.....	147
4.8. O que Há de Ruim na Morte? A Abordagem do Interesse Temporalizado de Jeff McMahan.....	159
4.9. O Conceito de Tempos Sombrios Como Chave de Leitura para Compreender o Nosso Tempo.....	167
4.10. Alcances e Limites da Liberdade de Expressão: Um Encontro entre Mill e Clifford	176
4.11. O Estatuto Epistemológico do Político na <i>Introdução à História da Filosofia</i> de Jean-Toussaint Desanti	183
5. HISTÓRIA DA FILOSOFIA	189
5.1. O Estatuto do <i>Noema</i> em a Imaginação e o Imaginário	189
5.2. Sobre a Figura Platônica do <i>Daîmon</i> : O <i>Daîmon-Noûs</i> à Luz de Andrei Timotin.....	199
5.3. Sobre as concepções de história em Nietzsche e Heidegger	204
5.4. A Noção de Natureza Humana na Ética de Spinoza	211
5.5. Prazer, Amizade e Comunidade em Epicuro.....	216
5.6. Da Investigação à <i>Epokhé</i> : O Intérmino <i>Trajectus</i> Pirrônico.....	223
6. LÓGICA E FILOSOFIA DA LINGUAGEM.....	233
6.1. O significado filosófico dos Teoremas de Incompletude de Gödel para a vertente formalista da Filosofia da Matemática.....	233
7. ONTOLOGIA, METAFÍSICA E FILOSOFIA A RELIGIÃO	244
7.1 Ser Primeiro em z, 1 da Metafísica de Aristóteles	244
7.2. O <i>Malheur</i> e a Verdade em Simone Weil: Uma Interpretação do Sofrimento Humano	249

2.3.Será a Psicanálise uma Pseudociência? Reavaliando a Doutrina à luz da Proposta de Demarcação de Hansson e da Ética de Clifford

Clarice de Medeiros Chaves Ferreira
cenobia08@gmail.com
Universidade FUMEC

Este resumo é um trabalho baseado no artigo publicado por Ferreira (2021). Além de se apoiar nele, coloca uma proposta de expansão sobre as implicações éticas de sua conclusão. O artigo original, publicado na revista Debates em Psiquiatria, busca fazer uma avaliação da doutrina psicanalítica utilizando da proposta de demarcação de Sven Ove Hansson.

Um dos filósofos da ciência de maior impacto quando tratamos de críticas à psicanálise é Karl Popper (2008). Ele foi um crítico histórico, um dos mais antigos a serem lembrados por questionar seu status científico. Um dos principais exemplos por ele dados para aquilo que não representaria uma teoria científica – de acordo com sua proposta – foi exatamente a psicanálise freudiana (POPPER, 2008).

Popper (2008) tentou defender que a ciência operava através de raciocínios dedutivos, e nunca indutivos. Em sua visão, não teríamos justificativas para acreditar na indução, e conseqüentemente, nunca poderíamos tomar uma teoria ou afirmação científica como confirmadas; no máximo, caso elas sejam submetidas a testes empíricos e não falhem, elas foram corroboradas. Desse modo, manteríamos nosso juízo suspenso, sem termos meios de obtermos evidências positivas. Em contrapartida, poderíamos pelo menos dizer que, caso uma hipótese que parta de uma afirmação universal falhe nos testes propostos, ela foi falseada.

Entretanto, como aponta Newton-Smith (2003), a própria teoria de Popper acaba precisando da indução para se justificar. Não haveria como defender a manutenção de teorias corroboradas se não recorrermos à indução de um modo ou de outro. Não apenas sua teoria, mas a grande maioria das outras propostas de demarcação anteriores receberam um número muito grande de críticas, e suas limitações foram consideradas bastante graves (LAUDAN, 1983). Hoje já está ocorrendo um movimento em filosofia da ciência que visa trazer um novo olhar sobre o problema da demarcação (PIGLIUCCI & BOUDRY, 2013), e uma das principais propostas contemporâneas é a de Sven Ove Hansson (2013).

Hansson propõe uma definição ampliada de ciência, ou seja, uma definição que não inclui apenas as ciências empíricas/naturais como sendo disciplinas científicas, mas também as humanidades, como a própria filosofia. É a seguinte:

Ciência (no sentido ampliado) é a prática que nos fornece as afirmações mais confiáveis (i.e., epistemicamente justificadas) que podem ser feitas, em um determinado momento, sobre um objeto de estudos abarcado por uma comunidade de disciplinas de conhecimento (i.e., sobre a natureza, nós mesmos como seres humanos, nossas sociedades, nossas construções físicas, e nossas construções mentais) (HANSSON, 2013, p. 70) (HANSSON, 2021).

Não basta, para Hansson (2021), que uma doutrina seja apresentada como científica; ela precisa, de fato, nos fornecer as afirmações mais confiáveis sobre seu objeto de estudos, utilizando dos métodos mais confiáveis disponíveis, contanto que adequados ao respectivo propósito da investigação em questão. Há também, nessa definição, um caráter temporal importante: algo pode ter sido ciência no passado, e não ser mais no presente. Isso traz à tona o fato de a ciência progredir: novas tecnologias e métodos podem surgir, e então, substituir os anteriores. Além disso, Hansson também propõe uma definição para pseudociências, sendo a seguinte:

Uma doutrina é pseudocientífica se e somente se satisfaz as seguintes duas condições:

Ela inclui ao menos uma afirmação que (A1) pertence a um assunto dentro dos domínios da ciência no sentido ampliado (o critério do domínio científico) e (A2) sofre de uma falta de confiabilidade tão severa ao ponto de não merecer ser confiada (o critério da não confiabilidade);

A. Seus principais proponentes tentam criar a impressão de que ela representa o conhecimento mais confiável em sua respectiva área (o critério da pretensão) (HANSSON, 2020, p. 49-50).

Apesar de ser uma intuição comum que pseudociências se apresentem explicitamente como ciências, isso não é nem de longe necessário. Pelo contrário: muitos proponentes de doutrinas pseudocientíficas podem usar de estratégias diferentes, inclusive a desmoralização de práticas científicas e a apresentação de si próprios como uma alternativa mais adequada e confiável. No caso, quando elas se apresentam como uma doutrina confiável, estão passando a impressão de serem ciências, mesmo sem que se declarem como uma com todas as palavras.

Também é importante nos atentarmos para a diferença entre “doutrina” e “disciplina” dentro da proposta de Hansson. Para ele, se baseando no dicionário de Oxford, uma doutrina seria "um conjunto de afirmações interconectadas que são 'ensinadas ou apresentadas como verdadeiras em relação à um tópico específico ou um departamento de conhecimento'" (HANSSON, 2020, p. 49). Em doutrinas, seria necessário assumir afirmações ou metodologias. Isso as difere de disciplinas, em que isso não acontece. Poderíamos pensar, por exemplo, que a psicanálise, o utilitarismo e o marxismo são doutrinas, enquanto a psicologia,

a filosofia e a economia são disciplinas. No caso, nem toda doutrina é pseudocientífica (algumas, inclusive, são científicas), mas toda pseudociência é uma doutrina.

Para além da definição apresentada anteriormente, Hansson sugere uma lista de multicritérios com 7 itens que ajudam a determinar, na prática, se uma doutrina é pseudocientífica. Esta lista é constituída pelos seguintes itens:

1. Credo na autoridade: É afirmado que alguma pessoa ou pessoas tem uma habilidade especial de determinar o que é verdadeiro ou falso. Os outros precisam aceitar seus juízos.
2. Experimentos não repetíveis: A confiança é depositada em experimentos que não podem ser repetidos por outros com o mesmo resultado.
3. Exemplos escolhidos a dedo: Exemplos escolhidos a dedo são usados apesar de não serem representativos da categoria geral à qual a investigação se refere.
4. Resistência à testagem: Uma teoria não é testada apesar de ser possível fazê-lo.
5. Desdém por informações refutantes: Observações ou experimentos que conflitam com a teoria são rejeitados.
6. Construída em subterfúgio: A testagem de uma teoria é arranjada de tal maneira que a teoria pode apenas ser confirmada, e nunca desconfirmada, pelos seus resultados.
7. Explicações são abandonadas sem substituição: Explicações sustentáveis são abandonadas sem serem substituídas, de forma que a nova teoria deixa muito mais coisas inexplicadas do que a anterior. (HANSSON, 1983; HANSSON, 2013, P. 72-73; HANSSON, 2020)

Além desses sete, um oitavo foi proposto por Ferreira (2021): “8) Obscurantismo: os conceitos teóricos ou afirmações de uma teoria possuem um significado inexistente ou nebuloso ao entendimento, o que permite a realização de mudanças arbitrárias, ou seja, sem que existam justificativas plausíveis para tal” (p. 23). Desse modo, a lista acaba incluindo oito itens ao final, que podem ser usados para avaliar a possível pseudocientificidade de doutrinas.

A psicanálise é uma doutrina que integra uma psicoterapia, um método e um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas (LAPLANCHE, 1986), fundada por Sigmund Freud e desenvolvida posteriormente por outros autores. Sendo uma doutrina, é passível de avaliação pela lista de multicritérios de Hansson, como já foi feito por Ferreira (2021). A avaliação acabou por mostrar que a psicanálise se enquadra em todos os oito critérios de demarcação de pseudociências.

A psicanálise, por ser uma doutrina de caráter “testemunhal” (CIOFFI, 2013), acaba fazendo um apelo muito maior à autoridade de seus principais proponentes ao invés da apresentação de boas provas a favor de seus pressupostos. Extensas investigações sobre o fundador, Freud, já foram realizadas (CREWS, 2017; DERSKEN, 1993), demonstrando como foi feita a manutenção de sua figura de autoridade, mesmo diante da fragilidade científica de sua proposta. Mesmo que o uso de investigações mais rigorosas e sistemáticas fosse possível,

o relato de caso anedótico foi desde o princípio e ainda é tratado como o principal e mais adequado meio de justificação da psicanálise, a enquadrando no “credo na autoridade”. O mesmo uso de evidências anedóticas também a enquadra em “experimentos não repetíveis” e “exemplos escolhidos a dedo”, já que não são empreitadas replicáveis e também não são representativos da categoria que a psicanálise busca representar (FERREIRA, 2021).

O discurso anticientífico também costuma acompanhar as produções psicanalíticas: acusações de “positivismo”, ou de que o uso de métodos empíricos seria desnecessário para investigações em psicologia (que é uma disciplina empírica) são frequentes. Desde sua fundação e até hoje, uma grande diversidade de escolas psicanalíticas continua se propondo como representantes de teorias e tratamentos confiáveis, mesmo sem passar por testes empíricos (PARIS, 2019). Em outros casos, temos até mesmo evidências desfavoráveis em relação a esses, ou o que há disponível é de muito baixa qualidade, a enquadrando em “resistência à testagem” e “desdém por informações refutantes” (FERREIRA, 2021). Em muitos sentidos, a teoria já é construída de maneira a impedir a produção de objeções a partir do momento em que é assumida (RILLAER, 2014), assim como fazem teorias da conspiração (BOUDRY & BUEKENS, 2011), o que também a enquadra em “construída em subterfúgio”.

Diversos conceitos importantes para a área da saúde mental são exemplos também da “explicações são abandonadas sem substituição”, assim como “obscurantismo” (FERREIRA, 2021). Os conceitos de saúde, cura, doença e outros são severamente criticados em psicanálise, sendo sua substituição vista como nem mesmo desejada, ou então é feita uma alegação de substituição através de frases destituídas de valor de verdade ou demasiadamente vagas/distantes da realidade (FERREIRA, 2021). O obscurantismo também se apresenta através da mudança arbitrária do significado de conceitos ligados à sexualidade feitos por Freud, apontado por Cioffi (2013), bem como a adoção explícita desse tipo de estilo comunicativo por parte de Lacan. Desse modo, a psicanálise acaba sendo um exemplo paradigmático de pseudociência, por se encaixar em todos os critérios de demarcação. Para um detalhamento maior sobre as evidências a favor dessa conclusão, consultar Ferreira (2021).

Diante desse resultado em filosofia da ciência, também pode ser prudente discutir quais suas implicações éticas, se é que existem. Há alguma implicação moral em acreditar em pseudociências? Para responder essa pergunta, é necessário recorrer à literatura de ética da crença. Um dos autores de maior relevância para a discussão é o filósofo William Kingdon Clifford (2010), autor do ensaio “Ethics of Belief”. De acordo com o autor, “é sempre incorreto, em todo o lado, para qualquer pessoa, acreditar seja no que for com base em

indícios insuficientes.” (CLIFFORD, 2010, p. 108). Para ele, o importante não é o conteúdo de uma crença (seja ela verdadeira ou falsa), mas o modo pelo qual a adquiriu.

Clifford (2010) apresenta algumas razões para sua posição de que crer sem evidências é moralmente errado: primeiro, as crenças sempre são capazes de influenciar nossos comportamentos, seja no presente ou no futuro. Segundo, elas não influenciam apenas nossos comportamentos, mas também influenciam umas às outras, tornando suas semelhantes mais passíveis de aceitação enquanto as destoantes são enfraquecidas. Terceiro, elas de modo nenhum se restringem apenas a nós, mas sua existência acaba impactando as crenças e comportamentos de outros ao nosso redor, exatamente pelo seu impacto em nosso próprio comportamento. Quarto, a aceitação de crenças com base em indícios insuficientes acaba levando também à um hábito crédulo que mina a investigação cuidadosa tanto do primeiro crente, quanto dos outros à sua volta. Acreditar em algo sem boas evidências seria perigoso exatamente porque isso aumenta consideravelmente as chances de a crença ser falsa, em comparação ao caso em que houve a busca por evidências suficientes.

Para ele, todos teriam o dever de buscar formar suas crenças apenas quando dispusessem de evidências suficientes, mas podemos considerar que os profissionais e especialistas tem uma responsabilidade maior sobre aquelas que tangem sua área de expertise. Isso ocorre pois temos uma dependência epistêmica de outros para adquirirmos conhecimento, e não temos recursos para investigar todos os assuntos que seriam necessários. Desse modo, temos uma necessidade de confiar nos especialistas, salvo quando tivermos evidências de algo que comprometa essa confiança. Quando esses especialistas não são confiáveis, temos um problema social de grandes proporções. Um psicólogo que acredita em uma doutrina psicológica pseudocientífica a usará para embasar sua prática, e ela servirá de filtro para as interpretações que esse traçará sobre o comportamento humano. Isso não se restringe apenas a tratamentos psicoterápicos na clínica, mas a todo tipo de atuação profissional: em empresas, escolas, hospitais, na pesquisa, ou onde for, sendo esse um antecedente causal relevante e possivelmente perigoso.

A psicanálise ainda é uma das maiores referências teóricas e clínicas dentro dos cursos de psicologia, e possui um grande reconhecimento em território brasileiro. Seu ensino é na maioria das vezes obrigatório na formação dos profissionais da saúde mental, e apesar das críticas internacionais serem extensas, a discussão nacional sobre essas tem sido praticamente inexistente (FONTES, 2014), abrindo margem para a alienação. Sendo uma pseudociência à luz da proposta de Hansson, é uma doutrina desviante em que seus proponentes tentam passar a impressão de ser confiável, mesmo que na verdade não o seja. E, ao mesmo tempo, a crença

nesse sistema e seu ensino — principalmente por psicólogos — são casos de infração ética graves à luz da ética de Clifford. É urgente a reconsideração sobre os planos de ensino dos cursos de psicologia e similares que endossam pseudociências e as tratam como se fossem tão legítimas e dignas de consideração quanto abordagens científicas. Enquanto isso não é feito, a formação dos futuros profissionais, e conseqüentemente sua atuação profissional, estarão gravemente prejudicadas; o atendimento a normas éticas deixará a desejar; e a sociedade infelizmente não terá bons motivos para confiar no julgamento de parte significativa da categoria de psicólogos, por serem adeptos de doutrinas desviantes.

Palavras-chave: filosofia da ciência, pseudociência, psicanálise, ética da crença, psicologia.

REFERÊNCIAS

BOUDRY, Maarten; BUEKENS, Filip. **The Epistemic Predicament of a Pseudoscience: Social Constructivism Confronts Freudian Psychoanalysis**. *Theoria*, v. 77, ed. 2, p. 159-179, 2011. DOI <https://doi.org/10.1111/j.1755-2567.2011.01098.x>. Acesso em: 12 nov. 2021.

CIOFFI, Frank. Pseudoscience: The Case of Freud's Sexual Etiology of the Neuroses. In: PIGLIUCCI , Massimo; BOUDRY, Maarten (org.). **Philosophy of Pseudoscience: Reconsidering the Demarcation Problem**. Chicago e London: The University of Chicago Press, 2013. cap. 17, p. 321-340. ISBN 9780226051826.

CLIFFORD, William Kingdon. A Ética da Crença. In: MURCHO, Desidério (org.). **A Ética da Crença**. Lisboa: Bizâncio, 2010. p. 97-136. ISBN 978-972-53-458-7.

CREWS, Frederick. **Freud: The Making of an Illusion**. New York: Metropolitan Books, 2017. 746 p. ISBN 9781627797177.

FERREIRA, Clarice de Medeiros Chaves. **Será a psicanálise uma pseudociência? Reavaliando a doutrina utilizando uma lista de multicritérios**. *Debates Em Psiquiatria*, v. 11, p. 1-33, 2021. DOI <https://doi.org/10.25118/2763-9037.2021.v11.58>. Acesso em: 10 nov. 2021.

FONTES, Flávio Fernandes. **A crítica à psicanálise: um capítulo censurado?**. *Psicologia em Revista*, v. 20, ed. 3, p. 446-459, 2021. DOI <https://doi.org/10.5752/P.1678-9523.2014V20N3P446>. Acesso em: 13 nov. 2021.

HANSSON, Sven Ove. Defining Pseudoscience and Science. In: PIGLIUCCI , Massimo; BOUDRY, Maarten (org.). **Philosophy of Pseudoscience: Reconsidering the Demarcation Problem**. Chicago e London: The University of Chicago Press, 2013. cap. 4, p. 61-78. ISBN 9780226051826.

HANSSON, Sven Ove. **Disciplines, doctrines, and deviant science**. *International Studies in the Philosophy of Science*, v. 33, ed. 1, p. 43-52, 2020. DOI

<https://doi.org/10.1080/02698595.2020.1831258>. Acesso em: 13 nov. 2021.

HANSSON, Sven Ove. **Definindo pseudociência e ciência**. Crítica na Rede, 2021. Disponível em: <https://criticanarede.com/pseudociencia.html>. Acesso em: 20 nov. 2021.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. 9. ed. Livraria Martins Fontes, 1986.

LAUDAN, Larry. The Demise of the Demarcation Problem. In: COHEN, Robert S.; LAUDAN, Larry (eds.). **Physics, Philosophy and Psychoanalysis: Essays in Honor of Adolf Grünbaum**. Holland: D. Reidel Publishing Company, 1983. cap. 7, p. 111-127. ISBN 978-94-009-7057-1.

NEWTON-SMITH, William Herbert. **The Rationality of Science**. London e New York: Routledge, 2003. 294 p. ISBN 0-415-05877-5.

PIGLIUCCI, Massimo; BOUDRY, Maarten (orgs.). **Philosophy of Pseudoscience: Reconsidering the Demarcation Problem**. Chicago e London: The University of Chicago Press, 2013. 469 p. ISBN 9780226051826.

POPPER, Karl Raimund. **Conjecturas e Refutações: O Progresso do Conhecimento Científico**. UNB, 2008. 449 p. ISBN 978-85-239-1232-8.

RILLAER, Jacques Van. Os Benefícios da Psicanálise. In: MEYER, Catherine (org.). **O Livro Negro da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 147-166. ISBN 978-85-200-0765-5.

2.4. “Es Denkt in Mir”: O Cadáver Insepulto de Deus e o Paradoxo Epistemológico do Niilismo Reativo

Junior da Silva Lima [autor]
germaniusjr@gmail.com
Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ

Ricardo de Oliveira Toledo [orientador]
ricardotoledo@ufs.ju.br
Universidade Federal de São João Del Rei - UFSJ

A presente pesquisa tem como gatilho filosófico a crítica hiperbólica de Nietzsche em face das epistemes, em especial, aquela (episteme) na qual Nietzsche localiza, e fixa, a metáfora da “morte de Deus” (niilismo reativo). Seu argumento: o pensamento filosófico era, até então, refém de um cárcere epistemológico ditado pela “estrutura religiosa do pensamento”.